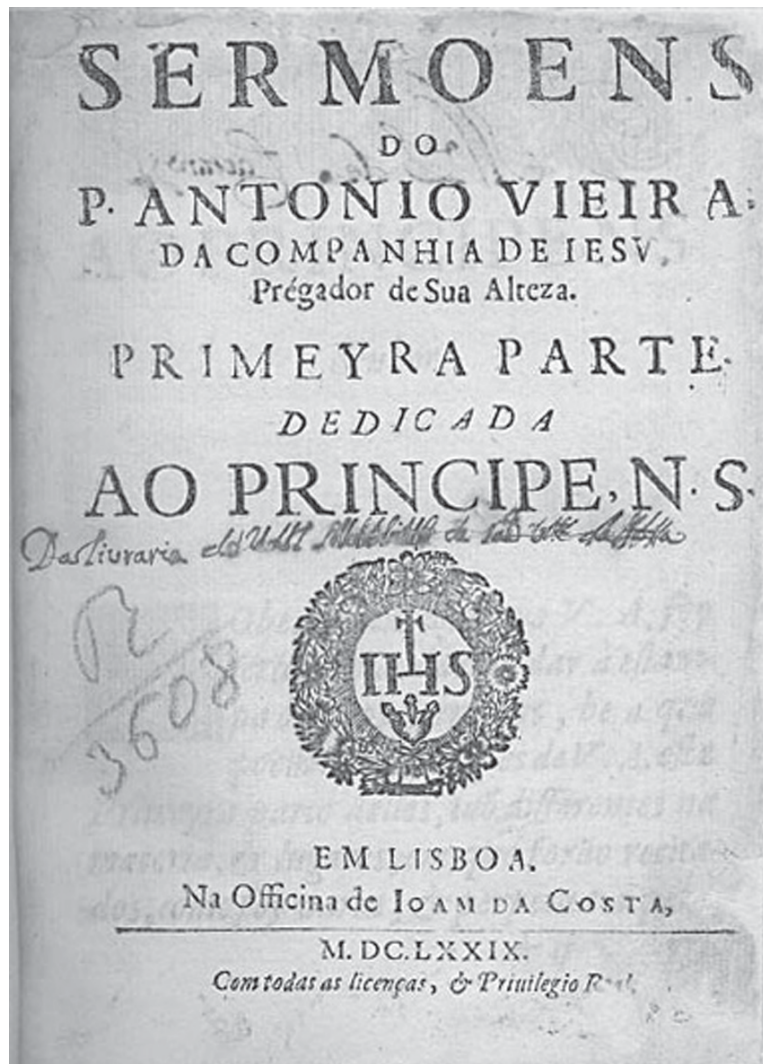


O gênero decoroso
no Sermão da Sexagésima



Fac-símile da primeira edição de *Sermões*, 1679.

Adriano Machado Ribeiro

Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). amribeiro@usp.com.br

O gênero decoroso no Sermão da Sexagésima

Adriano Machado Ribeiro

RESUMO

Aristóteles afirmou serem três os gêneros retóricos (judiciário, deliberativo e epidítico), distinguindo-os pelas circunstâncias, auditórios e tempo em que se fala. Tal divisão, ainda que com nuances, mantém-se em Quintiliano. Os tratados eclesiásticos de retórica também a seguem, embora mudanças significativas aqui sejam efetuadas, tendo em vista o efeito persuasório próprio da prédica religiosa. Utilizando-se de tal prescritiva, sobretudo conforme a apresenta frei Granada, o padre Antônio Vieira no *Sermão da Sexagésima* exemplarmente apresenta um modelo para os gêneros que, via de regra, decorosamente se adéqua à finalidade do que ele próprio prescreve como paradigma para qualquer sermão.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros retóricos; retórica eclesiástica; Sermão da Sexagésima.

ABSTRACT

Aristotle distinguishes three species or genres of speeches (judicial, deliberative and demonstrative) according to circumstances, public and time referred. Though that division has been confirmed by Quintilian, it underwent some changings in religious preaching. Having in mind Granada's preceptory rules concerning it, Father Antônio Vieira in his *Sexagesima Sermon* displays a model of speech that is throughout fit to the goals of what he does prescribe to be a sermon and its genre.

KEYWORDS: genres of rhetoric; ecclesiastical rhetoric; Sexagesima sermon.



Aristóteles, dentre os autores que nos chegaram, foi o primeiro a dividir os gêneros retóricos em três: o deliberativo; o judiciário e o epidítico. Centrado em circunstâncias da vida política, conforme esta ocorrera na Atenas do século V a.C., Aristóteles, embora fosse um autor do IV, assim os distingue porque, sobretudo a partir deste período, a retórica, formulada só então teoricamente, passa a fornecer uma prescritiva que destaca a importância de um modelo para os discursos empregados nas decisões públicas ou privadas que envolvam o horizonte da incerteza humana e suas diversas circunstâncias.

Para tanto, releva-se a necessidade da valoração humana para as ações e decisões do homem, pois, diferentemente de outras atividades, aqui não há nem uma ciência que a tudo justifique, nem mesmo uma

arte que possa intervir sempre do mesmo modo. Sendo assim, Aristóteles, ao firmar contra Platão a *Retórica* como uma *téchne*, confirma ter esta ao menos dois requisitos comuns a toda e qualquer arte: ela necessariamente implica a possibilidade de ensino e, portanto, de aprendizagem¹; ela efetivamente tem uma finalidade, ou seja, à retórica cabe encontrar, por meio do *lógos*, os meios de persuasão que melhor se destinam às circunstâncias que se lhe oferecem². Aristóteles assim rebate Platão, para quem a retórica não só não poderia ser ensinada, mas também, por não ter nenhuma finalidade nem implicar conhecimento, é mera *kolakéia*, uma lisonja adulante que encontra no mero agrado seu objetivo³.

A retórica é ensinável para Aristóteles porque nela se encontram modelados no e pelo discurso os meios *técnicos* de persuasão. Estes são também três. O primeiro, o *êthos* de quem discursa, não deve ser considerado a partir da reputação prévia do orador, mas do modo pelo qual ele ajustará seu caráter ao longo do discurso, de modo a torná-lo mais convincente. O *páthos*, por sua vez, será a maneira pela qual o discurso e o orador atingirão os afetos da audiência. Por fim, o discurso, na amplitude implicada pela palavra *lógos* em Grego, é a própria argumentação, também em amplificado sentido, servindo-se esta de entimemas e exemplos que fazem da dedução e indução retóricas os mecanismos de convencimento utilizados pelo retor nas questões que lhes são próprias, ou seja, quando se lida com o que é provável.

Aristóteles afirma, em vista disso, que tanto a retórica como a dialética – contrapondo-se a Platão também por este viés – são as únicas *téchnai* que não possuem um assunto específico. Diferentemente das demais, àquelas não se reserva uma especificidade por uma determinada finalidade – como a saúde para a medicina e a construção de casas para a arquitetura, v.g. – mas lhes cabe encontrar argumentos que se modelem de acordo com seu fim persuasório em tal território humano de incertezas e duplicidade discursiva.

Aristóteles, sendo assim, explicita que a ação da retórica se exerce sobre questões naturalmente discutíveis, sem uma determinação técnica específica, mas, sempre, em que haja a possibilidade de duas soluções diversas, “porque ninguém delibera sobre fatos que não podem nem ter sido nem ser”⁴. Afastado o que necessariamente é, ou o que não possa ser, cabe, pois, à retórica o campo da indeterminação humana, aquele em que justamente os homens, sem um conhecimento preciso, avaliam, a partir da fala de um à multiplicidade variada dos que o ouvem, a questão apresentada sob circunstâncias determinadas e que necessariamente precisam ser decididas pela avaliação humana do melhor meio de resolvê-las.

A partir, então, de elementos modelados inteiramente pela *téchne* na indeterminabilidade humana, Aristóteles especifica que a finalidade persuasória da retórica dar-se-á de acordo com a diferença de auditório a que o discurso se destina. Dado o fato de num discurso sempre haver três coisas: quem fala; do que ele fala; a quem, por fim, ele fala, Aristóteles – visto ela seja uma técnica para encontrar os melhores modos persuasórios – afirma que a finalidade de tal arte se modela por este último, pois nele se apresenta seu objetivo principal, ou seja, o poder de encontrar os meios mais adequados em cada circunstância para persuadir.

¹ ARISTOTELES. *Ars Rhetorica*, Oxford University Press, Oxford, 1975, p. 1354a.

² *Idem, ibidem*, p. 1355b.

³ PLATO. *Gorgias*. (translated by W. R. Lamb) London: Willian Heinemann, 1983, p. 465a–466a.

⁴ ARISTOTELES. *op.cit.*, p. 1357a.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 1358b.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 1358b.

⁷ QUINTILIAN. *The institutio oratoria*, London: Heinemann, 1953.

⁸ *Idem, ibidem*, III, IV, 14-16.

⁹ *Idem, ibidem*. III. VII, 1). Loraux, no entanto, mostra a importância deste gênero para a pólis de Atenas (LORAU, Nicole. *L'invention d'athènes (Histoire de l'oraison funèbre dans la "cité classique")*). Paris: Mouton Éditeur, La Haye, 1981).

¹⁰ *Idem, ibidem*, III, VII, 23

Os gêneros são, pois, diversamente modelados a partir dos diferentes auditórios a que se destinam. Via de regra, segundo Aristóteles, os ouvintes se dispõem ou como um observador ou como um juiz. Neste último caso, por sua vez, também se divide em dois, pois ou ele julga e se pronuncia sobre fatos futuros, como o membro da assembléia (*ekklesiastés*) ou sobre fatos já ocorridos, o que é próprio de quem julga no tribunal (*dikastés*). Há, por outro lado, um observador (*theôros*) sempre que se avalia o poder de quem se apresenta⁵.

Há, para ele, portanto, três gêneros (*eidê*) de discursos: o deliberativo; o judiciário e o epidítico (ou, pela tradução latina, o demonstrativo). Cada um deles com suas características e finalidades próprias: “a deliberação compreende a exortação e a dissuasão; com efeito, seja que se delibere em particular ou em público, emprega-se um ou outro destes meios. A judiciária compreende a acusação e a defesa: os que contestam praticam uma ou outra. Quanto ao epidítico, ele compreende o elogio ou o vitupério”⁶.

Além de matérias diversas, os gêneros também implicam tempos diferentes, pois se delibera sobre um fato futuro, enquanto se julga um fato passado quando se acusa ou se defende. No caso do epidítico, acresce Aristóteles, o principal tempo é o presente, porque é nele que se recebe elogio ou se é criticado, mesmo que, para tanto, se lembre o passado ou se conjecture sobre o futuro.

A finalidade demarca-lhes, como instância limite, os principais pontos a lhes especificar o modelo nos gêneros. Sendo assim, a utilidade ou prejuízo será o principal ponto a ser discutido numa assembléia deliberativa, pois o que é vantajoso será apresentado em contraponto ao que há de inconveniente numa proposta também ali debatida; nas questões jurídicas, o justo e injusto será o centro da confrontação; quanto ao epidítico, o belo ou feio, em que não se dissociam o moral e a apreciação do valor do que se figura, é, de modo geral, o aspecto mais importante a se destacar. Aristóteles explicita, assim, que, embora um ou outro destes objetivos se interpenetrem, jamais o que é a principal finalidade estará ausente do gênero a ela específico. Exemplarmente, ele cita o dilema da morte de Aquiles: ele será elogiado por preferir a ação mais bela (morrer por causa de um amigo) do que conservar sua própria vida, o que lhe teria sido mais útil se ele se sobrelevasse por deliberar focando a utilidade.

Quintiliano aceita, posteriormente, a divisão tripartite aristotélica dos gêneros⁷. Ressaltando, já no período imperial romano, o valor desta em contraposição a outras apresentadas depois de Aristóteles, ele, no entanto, faz-lhe uma pequena ressalva: deve-se destacar que há a presença mútua da utilidade, justiça e louvor em todos os gêneros⁸.

Quintiliano, além disso, reafirma um maior valor ao gênero epidítico do que o fizera Aristóteles, pois aquele não retira dela seu sentido pragmático⁹; com efeito, para Quintiliano esta também exerce uma função prática na vida romana, pois foi utilizada por Cícero em invectivas no senado contra seus adversários. Ressaltando, em consonância com Aristóteles, a importância da audiência para o que se louva ou censura¹⁰, Quintiliano também nela destaca o *decorum* que lhe deve moldar o modo da louvação. Ademais, passo importante na compreensão do sermão do século XVII d.C., ele destaca a proximidade que o demonstrativo mantém com o deliberativo: “[o gênero laudativo] tem algo de seme-

lhante ao deliberativo, porque quase tudo que um costuma persuadir, o outro louva.”¹¹.

Os gêneros na Retórica Eclesiástica

A tratadística da retórica eclesiástica católica, embora se sirva da mesma base aristotélica, trata a questão dos gêneros de modo um pouco diverso, reapropriando-se, para seus objetivos, das ressalvas já destacadas por Quintiliano. No XVI, frei Granada, mesmo reconhecendo a divisão tripartite, já que “la materia del Arte Rhetórica se versa en tres géneros de causas, Judicial, Deliberativo, y Demonstrativo”¹², também afirma a presença de um outro, o Magistral ou *Didascálico*, cujo fim é o conhecimento. Tal gênero é próprio dos mestres de Teologia e versa sobre questões mais gerais, como, por exemplo, a alma e a própria fé, fazendo que a retórica adentre em territórios que Aristóteles definiria como próprios da ciência ou das discussões dialéticas. Evidentemente, mesmo que retoricamente previsto, tal gênero não deve ser apresentado a qualquer público.

A aproximação eclesiástica das questões retóricas, com efeito, muda o antigo sentido que, para Aristóteles, a justificava como arte. Para este, ela justamente se estribava na importância da decisão humana em assuntos possíveis de serem diversos, pois dependentes da deliberação do homem. O mesmo já não ocorre na tratadística religiosa, pois deus sempre estará previamente presente a toda e qualquer questão. Por isso mesmo – além de destacar a presença na retórica de tais questões teológicas – Granada aponta a pouca utilidade do gênero judiciário para a retórica da prédica, cujo objetivo não mais será discutir o que foi, mas ou será o de converter almas, futuramente, para a conversão católica; ou de explicitar o que deve ser louvado e vituperado na vida cristã:

*De estos tres géneros de causas omitiremos el Judicial, que fue el que mas practicaron los Rhetóricos; habiendo inventado el Arte de bien decir ó de orar, para tratar en juicio las causas civiles, por considerarle nosotros, como ageno de nuestro propósito: pues no damos reglas á los Abogados, sino á los Predicadores. Así nos contentaremos com el Deliberativo, esto es, suasorio, y com el Demonstrativo. De aquel nos valemos para persuadir las virtudes y para disuadir los vicios: de éste, para celebrar las alabanzas de los Santos.*¹³

Tudo se faz em vista da finalidade precípua à prédica: persuadir com virtude, sempre, aristotelicamente, seguindo a diferença entre o ofício, a arte, e sua finalidade, a persuasão. É de acordo com esta perspectiva, pois, que o Sermão se deve modelar, abrindo assim a reformulação e destaque dos gêneros.

Por esta razão, talvez, quando mais à frente expõe a composição das partes do discurso aos gêneros, tendo já descartado o judiciário, Granada acresce um outro modo de pregar além do deliberativo e epidítico, já que ele restringe este último ao panegírico da vida dos santos. Dada a dificuldade de fazê-lo, ele sugere que o louvor deva seguir a leitura da letra do evangelho, introduzindo na glosa as virtudes de quem foi santificado. Por isso mesmo, explicita um terceiro modo de pregar: a exposição daquilo que diz a palavra de Cristo.

¹¹ *Idem, ibidem*, III, VII, 28

¹² GRANADA, Fray Luis de. *Los Seis Libros de la Rhetórica Eclesiástica ó De la manera de predicar*. (Vertidos en español y dados a luz de orden del Ilustrísimo Señor Obispo de Barcelona para instrucción de sus feligreses), Madrid: Don Plácido Barco Lopez, 1793, p. 206-207.

¹³ (*Idem, ibidem*).

¹⁴ *Idem, ibidem*, p.251-2.

¹⁵ HANSEN, J. A. . Vieira: Estilo do Céu, Xadrez de Palavras. Discurso, São Paulo, v. 9, 1979.

¹⁶ Conforme afirma Granada, "el exórdio es aquello com que el ánimo de los oyentes se dispone para oír; esto quiere decir, para que tengamos benévolo, atentos, dóciles a los oyentes. Los Rhetóricos enseñan aquí muchas cosas sobre captar la benevolencia. Lo qual se consigue de quatro modos; por respeto de la persona del Orador, de la de los contrarios, de la de los oyentes, y de las cosas mismas" (GRANADA, *op. cit.*, p.208)

Não cabe apenas, pois, ao predicator, conforme diz Granada, apenas parafrasear ou glosar o texto sagrado, pois aquele deve mais, neste sentido, ser intérprete das palavras de Cristo. Sendo assim, depois de declarar a palavra sagrada, deverá o predicator explicá-la. O horizonte em que o pregador aqui se espraia deve, portanto, a partir da interpretação do evangelho, agradar e instruir, mas sobretudo mover pela exemplaridade do texto escolhido. Assim, de algum modo, não há propriamente aqui um gênero específico, mas uma maneira de proceder que, deliberando, persuade e também celebra virtuosamente os feitos ou os santos.

Tal perspectiva se mostra ainda mais clara pelo que se poderia configurar como um quarto modo de pregar. Neste caso, ora a letra do evangelho; ora a persuasão; ora as virtudes e vícios são tratados. Decorosamente, deve o pregador utilizar o que é mais adequado, servindo-se de um único gênero específico se apenas este convier ao auditório. Há, contudo, uma vantagem na mescla deles, pois evitar o fastio é importante, já que o objetivo central da prédica é mover os ânimos. Sendo assim, é sempre possível utilizar-se dos modos de pregar como nos servimos dos membros de um corpo. Por isso mesmo, afirma Granada – e Vieira parece segui-lo – amalgamá-los é, se possível, o mais oportuno:

No apruebo a los que siguen tan solamente un forma de predicar; de suerte, que lo que una vez hacen, juzgan siempre se há de hacer. Parece pues que usemos ya de éste; ya de aquel género de predicar, segun los pida la naturaleza y dignidad de los asuntos, ó también la utilidad ó necesidad de los oyentes. Así unas veces se empleará todo el Sermon en la declaracion de la letra del Evangelio; otras irá siguiendo éste ó aquel argumento en el género Suasorio ó Demonstrativo. Y de esta suerte se evitará el hastío que puede engendrarse de tratar una cosa sola, explicando varias questionnes sobre un mismo asunto [...] Com todo entre estos modos de predicar, el quarto que poco antes apuntamos, me parece de todos el mas acomodado. Porque declara la letra del Evangelio, y va despues siguiendo uno ú otro argumento¹⁴.

A questão dos gêneros retóricos no maquinário da *Sexagésima*

O *Sermão da Sexagésima* do padre Antônio Vieira parece seguir tal modelo ao mesmo tempo em que se modela exemplarmente como prescritiva de todos os demais sermões da obra por ele mesmo editada¹⁵. Seguir-lhe a argumentação é, pois, verificar como opera o maquinário por ele movido para exemplificar o mover persuasório que, via de regra, é o fim principia da prédica do orador que, para além de cristão, é sobretudo católico e militante, pois deve agir como um soldado do exército de Loyola.

Já no exórdio do *Sermão da Sexagésima* Vieira aponta para a *captatio benevolentiae* do auditório¹⁶, explicitado como "tão ilustre e numeroso", a partir da finalidade persuasória que distingue a pregação do pregador; para este, aponta-se o engano, enquanto, para aquele, o desengano.

O sermão assim se molda pela finalidade de seu efeito pelo *páthos* como mostra e evidência de um *lógos* que se estriba em última instância na vontade divina. Para tanto, modela um *êthos* do pregador que se deve submeter e mesmo determinar-se a partir da importância da pregação,

ou seja, da palavra que atinge o ouvinte e redimensiona sua função precípua, a de tirar-lhe do engano em que este se encontra.

A questão, na seqüência, mais se aclara, porque, como via de regra aqui ocorrerá, o que o sermão distinguira o próprio Vieira, na seqüência, afirma que não deveria ter sido diferenciado: agora a pregação também se direciona pelo *érgon*, a atividade do pregador. Ele precisa atuar em conformidade com a palavra divina. Esta, por sua vez, é explicitada, como costuma o sermão fazê-lo, a partir da palavra do evangelho. Aqui, em conformidade com a ocasião, utilizam-se as de São Mateus, em termos de uma ação que sai e do semear¹⁷. O semear e sair, concomitantes, discriminam o elogio e censura, em que se aponta a diferença de *êthos* do orador jesuíta em relação ao dominicano, visto este, como se explicita de imediato, seja, ao contrário daquele, palaciano. Apresenta-se, assim, o juízo que elogia e censura: “os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos”¹⁸.

A distensão que explicita e interpreta a palavra, diz Vieira, mostra que o louvor da palavra divina se faz no sair, sem a contraparte do retornar. Neste sentido, o trecho de Ezequiel, em propagação analógica pelas escrituras da indução germinadora que moldará o sermão, é confirmação exemplar da palavra de Cristo: aqueles iam, embora não retornassem. Mais: o semeador e sua ação paradigmaticamente também se revelam na interpretação dos espinhos, pedras, aves e o pisar dos homens. O louvor de um é a censura dos que não saem a pregar para todos, pois os homens os há em polissemização, aproximando o semeador evangélico elogiável apenas de quem semeia na multiplicidade de agruras e no pedregoso: “havia de achar homens homens, havia de achar homens brutos, havia de achar homens troncos, havia de achar homens pedras”¹⁹.

O caso, então, se isola e particulariza: é o próprio pregador que ora fala quem novamente numa indução implica as especificidades de tais ações. Os jesuítas e sua catequese experimentam na ação o *páthos* reverso que lhes poderia tolher: mirrados, afogados, comidos, pisados e perseguidos, eles devem ser louvados pelo feito que ilustra o amor dos semeadores pelo auditório que lhes ouve.

Por isso, na seqüência, o ir também implica o retornar, como um raio, que volta porque vai adiante. Há aqui um exemplo de raciocínio que atinge uma agudeza que clarifica o que diz na regra da *interpretatio* do texto sagrado em consonância com a ação que o confirma.

A sementeira e semeador são, então, louvados porque exemplares de uma utilidade: à correção da ação acresce-se seu frutificar. Se se perderam sementeiras, pela contrariedade de três ataques ao trigo (espinhos, pedras e caminhos), mesmo assim algumas flores resistem e frutificam. Por isso, a palavra do pregador para servir de alimento não deve ser flores, pois ela “não será bem, nem deus quer que seja, nem há de ser. Eis aqui porque eu dizia ao princípio, que vindes enganados com o pregador. Mas para que possais ir desenganados com o sermão, tratarei nele uma matéria de grande peso e importância. Servirá como de prólogo aos sermões que vos hei de pregar, e aos mais que ouvirdes esta Quaresma”²⁰.

O sermão assim se modela no *decorum* de um gênero que louva e critica. Partindo do Evangelho e daí indo para os demais textos das Es-

¹⁷ É esta como a primeira *narratio* do sermão. Como afirma Granada, dado ser a retórica antiga centrada no gênero judiciário, nela a narração ocupa um lugar preciso. No caso do sermão, contudo, esta “conviene poco á nuestro propósito. Sin embargo hay otros quatro géneros de Narraciones, que ocurren no pocas veces en los Sermones. El primero es quando para confirmar alguna cosa mencionamos algunos sucesos que se hallan en la Santa Escritura ó en las Vidas de los Santos. El segundo es el que se trata para fin de amplificar. El tercero es el que sirve á una alegoría ó tropo. El quarto se versa en la explicacion del Evangelio.” (GRANADA, *op. cit.*, p.209). Seguindo o *decorum*, a primeira, sobretudo, segue o padrão do gênero judiciário: deve ser breve, clara, verossímil e agradável.

¹⁸ VIEIRA, Antônio *Sermões*, Livraria Chardon: Porto, 1907, p.2

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 3.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 5-6.

²¹ Afirma Granada que “la *proposicion* es la que brevemente comprende el estado y suma de toda la causa. Esta pues es principio de toda la confirmacion, que jamás puede omitirse. Si la *Proposition* no es simple, se la junta la *Particion* ó *Division*, que es una breve relacion ó enumeracion de las partes de la *Proposicion*.” (GRANADA, *op. cit.*, p.217)

²² VIEIRA, *op. cit.* p. 7.

²³ “Hemos dicho que la quarta y quinta parte de la Oracion son la *Confirmacion* y *Confutacion*, que algunos comprenden debaxo del nombre de *contienda* y *prueba*; por cuyo respeto se han introducido, y deben tratarse aquellas partes. Pues la *contienda* contiene la disputa de toda la *question*, y consta de la *Confirmacion* y *Confutacion*; de las cuales aprovecha aquella para probar, ésta para rechazar; aquella arguyendo concilia crédito á la causa, ésta disuelve los argumentos de los contrarios que ó se objetaron, ó se puede objetar.” (GRANADA, *op. cit.*, p. 219).

²⁴ VIEIRA, *op. cit.*, p. 9.

crituras, louva-se exemplarmente o sermão que das flores atinge o fruto; criticam-se outros, cujas flores se perdem sem a devida e correta semente. Se o uso decoroso de um sermão pode ser mentado como a persuasão para uma futura ação do auditório, implicando firmar uma atuação de um juízo e de um *mouere* que assegura a efetividade do sermão, é agora sobre esta finalidade que ele se volta, tanto no elogio de um pregar que isto efetue, quanto na crítica da pregação florida, mas sem frutos. Do ponto de vista dos gêneros, recorta-se uma mescla para o sermão em sua finalidade precípua: ele não é apenas uma persuasão deliberante em que a utilidade se apresenta a partir de uma vontade raciocinante: ele é desengano também. Não deixa de haver, pois, grande proximidade no sermão da *Sexagésima* ao epidítico, já que se louva a louvável pregação enquanto se critica a que não segue este reto uso.

Vieira então, na *propositio*, propõe e firma especificamente o horizonte estelar de sua fala a partir da explicitação unitária de sua raiz: “*semen est uerbum dei*”. Para tanto, retoma a primeira citação apontada: o trigo será a explicitação da sementeira e do sementeiro, proliferando ressonâncias visíveis para firmar a correção do que deve ser dito. Espinhos, pedras, caminho e a terra boa mostram-se na diversidade do coração humano²¹. Há os corações que são espinhos, embarçados pelas riquezas; as pedras são os duros; o caminho, os perturbados pelas coisas do mundo, sendo aqui pisada a palavra de deus; enfim, a terra boa são os bons corações. Mas aí está o problema: com tanta pregação pouca conversão se efetua: “esta tão grande e importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim para aprender a pregar; a vós para que aprendais a ouvir.”²²

Na seqüência Vieira triparte a razão possível por que isso ocorra²³. O pouco fruto ou é do pregador; ou da parte do ouvinte; ou da parte de Deus.

De Deus, razão primeira, não pode faltar: o Conselho Tridentino e o Evangelho o afirmam. Das causas anteriores elencadas a partir do texto sagrado, nada se diz que tenha faltado nem sol nem chuva, as partes próprias do céu e, portanto, o domínio do divino.

Embora o afirmem os pregadores, também não é por culpa dos ouvintes a possível razão segunda apresentada por Vieira. Pelo mesmo procedimento anterior, indutivamente se argumenta. O trigo, mesmo que na má terra não tenha frutificado, de algum modo germinou. Aqui o sermão passa a avaliar negativamente os efeitos. Sendo assim, lançada nos espinhos, a palavra não frutifica porque são estes agudos: “vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galanterias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica”²⁴. Mas piores são os de vontades endurecidas, porque a agudez pode ser vencida por outra maior; contra as que são endurecidas, contudo, nada se pode. Mas aqui tempo virá em que a sementeira se fará, porque o sementeiro do céu, quando saiu deste mundo, as pedras e espinhos o celebraram. Por isso não é por culpa da indisposição dos ouvintes que não triunfa a palavra de deus.

Só resta, pois, a culpa do pregador. Neste caso, cabe, por outra partição, particularizar as causas. Há aqui, diz Vieira, cinco circunstâncias: a pessoa; a ciência; a matéria; o estilo; a voz.

A primeira, a pessoa, lança-se na definição aristotélica do *êthos* do

orador. Diversamente da concepção de Aristóteles que prevê o *êthos* formulado pelo próprio discurso, aqui, para Vieira, ele tem a vida e o exemplo do pregador como as instâncias decisivas. Próxima da definição do *êthos* isocrático que Cícero confirma ao afirmar como inseparável de tal qualidade a *dignitas* de um varão romano anterior a qualquer enunciação possível, o pregador de Vieira se mede pela exemplaridade refigurada dos santos. Mas nisso cabe, ainda que comparativamente enfraquecida, confirmar uma *ratio* que reopera a palavra da dissiminação que ao longo do texto o tempo todo se dissimina. Assim, é o texto que ilustra e confirma um *érgon*: pois o trecho analisado fala não do semeador mas de quem semeia. “o semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é a ação”²⁵.

A conversão não se faz, pois, pelo nomear, mas em *érgon*, pela exemplaridade ilustrativa da utilidade própria do gênero deliberativo: “as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo”. Ao contrário da pregação de palavras e pensamentos, insistia-se antes nas palavras e obras: “palavras sem obras são tiro sem bala; atiram, mas não ferem”²⁶. Um arsenal de *exempla* bíblicos o confirmam, destacando a argumentação por indução. De poucas palavras, pois, nascem muitas obras. Refigura-se Cristo: aqui a palavra é ação que entra pelos olhos. Exemplo modelado pela visão, as obras são para serem vistas. Daí a distância do céu à terra: lá deus é visível e por isso amado; na terra, ouvido ele é crido, mas não necessário. Fosse visto o que se ouve, melhor efeito o pregador teria. O trecho insiste na visibilidade divina que sobressai a sua escuta, pois, confirma Aristóteles, o ver é, dentre os sentidos, o que traz maior conhecimento.

Vieira, expondo a *actio* de uma narração exemplar, então a ilustra ao discorrer acerca de um sermão sobre a Paixão. Da descrição à aparição do homem o movimento do *páthos* é completamente distinto. Batista redefine alegoricamente o que fora afirmado: o que pregava ele fazia, visivelmente. Não pode ir, pois, o semeador contra o que semeia: elogia-se assim a fala que confirma pela ação o que se afirma. Não há como não pensar na ação jesuítica e sua obra: fala-se porque se faz questão de sair do paço com os distantes passos; sai o pregador, porque sua palavra não se dissocia da ação catequética.

Mas um contra-exemplo silencia tudo o que então se dissera: Jonas, em que pese sua má ação, converteu o maior rei, a maior corte e o maior reino do mundo; e não de homens fiéis, senão de gentios idólatras. Outra é assim a causa. Novamente à confirmação segue-se uma refutação.

Apresenta-se, então, nas provas, a discussão sobre o estilo do púlpito²⁷. Ao invés do estilo afetado, este “há de ser muito fácil e muito natural”²⁸. Como se compara ao semear, ele mais deve ter de natureza que de arte. Como diz a Escritura, o trigo onde caia nascia.

Na seqüência Vieira coteja os maus estilos modernos – que são assim criticados – com o mais antigo que há, o do Céu. Lá é como o pregar de Cristo que se avolumam como semear, dadas as estrelas como palavras; os sermões como a composição, harmonia e o curso delas. Daí a diferença principal: o semear não se assemelha ao ladrilhar. O céu não é um xadrez de estrelas, como “os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras”²⁹. Neste, há a antítese contínua, sempre em contrariedade. No céu, as palavras, enquanto estrelas, são claras e distintas e com estilo

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 11.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 11.

²⁷ Vê-se à frente que ao inserir a queda para as coisas; a cadência para as palavras, o caso para a disposição, que Vieira aqui parece não separar daquilo que chama de estilo a *res*, a *dispositio* e a *elocutio* (a *léxis* grega).

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 15.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 16.

elevado: assim aprende quem não sabe e os que sabem também. Com a estrela todos podem aprender, com a elevação decorosa que atinge a todos.

Na seqüência, após o elogio do que se deve usar decorosamente, Vieira condena, criticando, o estilo culto, que, para ele, é negro, e, como reafirma, negro boçal e muito cerrado, pois deles não se entende a língua; prova disso é a nomeação então usual por epítetos, pelo mero prazer de nomear sem nada dizer.

Depois disso, contudo, Vieira novamente alega, em um único parágrafo, que não deve estar aí o problema, pois tais autores modernos que dele se utilizam defendem-se invocando a autoridade dos autores mais venerandos.

Vieira passa então em revisão a matéria. Os pregadores modernos miram muito e caçam pouco. Por isso elogia-se o que é *rectum*: um só assunto e uma só matéria, pois uma única semente deve ser semeada. Só trigo: não a mata brava nem a confusão verde do trigo mesclado ao milho, à cevada. Dissemina-se o argumento em *amplificatio* náutica: com vários nortes muito se trabalha, mas pouco se navega.

Uma só matéria implica defini-la; dividi-la; prová-la com a Escritura; declará-la com a razão; amplificá-la com as causas, com os efeitos, convenientemente. Para tanto, refuta com argumentos contrários, conclui e persuade. A variedade deve circunscrever-se à unidade. Como a árvore, suas partes compõem algo unitário. Fiel ao preceito horaciano da unidade de que também fala Aristóteles, segue-se também o *ut pictura poesis*, já que este aqui se explicita pela imagem que o confirma. Com vários ramos, ele é uno; com suas varas, repreende; com ramos e folhas adorna-se; com as flores, traz sentenças. Mas o arremate final são os frutos que são, como se viu, sua finalidade. Tudo, porém, de um único tronco, que é a unidade de matéria. Tudo fundado em sua raiz, o Evangelho: “seminare semen”. O texto retoma exemplarmente o modelo que propõe: o texto que aqui é *semen* germina o próprio texto de Vieira que ora e vez reafirma sua raiz. Garante ele, assim, a unidade que é cultivável, porque prescrita, mas também cultivada paradigmaticamente no sermão que ora apresenta visível, porque a *Sexagésima* ilustra o modelável daquilo que o próprio *Sermão* é modelo visível.

Aqui, curiosamente, a fala de Vieira não explicita nem menciona um contraditório que a negue. Não há registro de prescritiva que possa apontar o contrário. No entanto, sem mais, ele afirma: “mas nem por isso entendo que seja, ainda, esta a verdadeira causa que busco”³⁰. A refutação, contudo, aqui se enfraquece, visto não se explicita a razão ou a força exemplar da Escritura que renegue definitivamente a necessidade da unidade.

O outro passo a discutir é se a falta de ciência dos pregadores poderia ser a causa do problema; com efeito, para Vieira muitos vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam. A terra, depois da queda, só frutifica com labor. O trigo deve ser seu. A maçã de Eva, sem suas pevides, mostra que o furtado se come mas não se semeia. Sem raízes o furtado não frutifica. Nem, novamente a alegoria bélica, com armas alheias se pode vencer. Do mesmo modo, as redes dos apóstolos também eram suas, compostas por eles a partir de seu trabalho. Diz Vieira: assim são estas próprias para pescar homens, não apenas peixes.

Por isso as razões devem vir do entendimento, não da memória. Do mesmo modo, cada um deve ter sua voz, como os cinco apóstolos demonstram pelas escrituras. Vieira explicita: “E senão vede-o no estilo de cada um dos Apóstolos, sobre que desceu o Espírito Santo. Só de cinco temos Escrituras; mas a diferença com que escreveram, como sabem os doutos, é admirável. As penas eram todas tiradas daquela pomba divina.; mas o estilo tão diverso, tão particular e tão próprio de cada um, que bem mostra que era seu”³¹.

Aqui parece Vieira separar-se do *decorum* como conveniência à *res* e assumir o sentido de estilo como modo próprio de um dizer com características específicas. Não só de uma pregação que opera a partir das distintas matrizes que provêm, o que separa o jesuíta do dominicano, mas da atividade que revela peculiaridades próprias a cada pregador. Cícero, com efeito, ao ser criticado pelo excesso, foi chamado de asianista, dado o transbordar dos períodos de características orientalistas. Seus críticos intitularam a si próprios como aticistas, dada a elocução concisa e uma escolha precisa dos vocábulos. Cícero reafirmou contra isso, tanto no *Brutus* como no *Orator*, o *decorum* como adequação que se molda pela *res* e pelo auditório. Para Vieira, neste passo, a ciência do orador se alia a seu estilo para defini-lo por suas particularidades. Curiosamente, além disso, cabe ressaltar que claramente as causas se mesclam a partir da unidade que enceta, pois, para além das qualidades teológicas tão caras aos dominicanos que eram os principais prelados do Santo Ofício, a ciência não se separa da ação que a justifica: o pregador age sobretudo para a conversão e confirmação da fé nas almas.

Quanto a isso, contudo, o próprio Vieira novamente faz ressalva, refutando o que confirmara: há bons autores que pregaram da pregação alheia.

A voz, por sua vez, é apontada por Vieira como a possível razão a se verificar porque a pregação não convence. Vale aqui o elogio da boa voz de quem brada no púlpito, não a de quem conversa. Cristo e sua prefiguração, o Batista, comprovam-no: ambos clamavam. A crucificação de ambos foi o silêncio da razão ante os brados da multidão.

No entanto, novamente o elogio reverte-se em sua negação: Moisés e o próprio Cristo moderadamente falaram e nem por isso deixaram de insinuar-se na alma.

Cabe então a *confirmatio* da verdadeira causa, recuperando as que foram descartadas. Como “*semen est uerbum dei*”, resta então afirmar que a causa é não se pregar a palavra de deus. Não é a pessoa, nem o estilo, nem a matéria, nem a ciência nem a voz a causa de não frutificar a pregação. Semeia-se vento e se colhem tempestades. Citar as escrituras não é afirmar a palavra de deus. Novamente indutivamente proliferam exemplos: o demônio, afinal, também usou as palavras de deus. Cristo e demônio, portanto, se utilizaram e se utilizam - agora refigurados - das Escrituras. O problema é o sentido verdadeiro da palavra: há dela um reto uso e outro torcido. Do diabo que tentou o Cristo no deserto a pregação do demônio se alastra e sobe ao púlpito.

A pregação, pois, não frutifica porque não se usa a palavra de deus em seu verdadeiro sentido. A censura de Vieira é *confirmatio* que explicita a causa que deve ser censurada. Novamente o *exemplum* bíblico confirma-lhe o dito: a reconstrução do templo em três dias, tomada em

³¹ *Idem, ibidem*, p. 22.

³² *Idem, ibidem*, p. 29.

³³ *Idem, ibidem*, p. 31.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 31.

seu sentido literal, é má interpretação, própria de falsas testemunhas. O templo é o da reconstrução mítica. Mesmo se o dito se confirma, ele é falso, porque não *interpretatio* correta. O preceito de Granada anteriormente apresentado repercute na fala de Vieira.

Silente a verdade, inicia-se a fábula. Para ele o fingimento e a comédia dão o tom da má pregação. O fingimento são sutilezas e pensamentos aéreos sem fundamento da verdade; são comédia porque em Portugal, proibida sua exibição, esta se transpõe ao púlpito, sem a direção moral de um Plauto ou de Terêncio. Curiosamente o sermão explicita, na ausência de uma correta *interpretatio* da raiz seminal, o que é indevido a todos, pois não se pode ultrapassar os limites de seu gênero pelo efeito provocado.

Confirmação disso é que, para além da comédia, pior é o sermão que se faz farsa. Neste o pregador em farrapos quebra todos os limites do *decorum*. Espetacular, sua figura abre a expectativa da comoção visível, já desde o início. No entanto, quando ele fala, há uma linguagem polida “a motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipícios, a brilhar auroras, a derreter cristais, a desmaiar jasmins, a tocar primaveras, e outras mil indignidades destas”³². A farsa que força o riso, mas que deveria provocar o pranto, mostra a ausência decorosa que a comédia traz: lá o rei ainda fala como rei. Contra esta quebra da conveniência que implica a confirmação de um *genus* há novamente a exemplaridade modelar do que deveria ser mimetizado: circunscrito o pregador à veste e doutrina, mesmo sem a força do espírito dos antigos pregadores, Vieira reafirma o gênero como procedimento mimético de um modelo que determina um *decorum* traçado pela implicação de certos procedimentos a serem respeitados.

Dadas as regras e confirmados procedimentos que deve o orador seguir, Vieira retorna ao auditório. Não mais apenas aquele ali presente, pois este se espria na objeção que se faz aos existentes contemporaneamente a Vieira. Em todos, segundo ele, o prazer é a regra do ouvir. A questão então se põe como proveito: “a doutrina de que eles zombam, a doutrina que eles desestimam, essa é a que lhes devemos pregar, e por isso mesmo, porque é a mais proveitosa e a que mais hão mister”³³. Exemplarmente, retorna a escritura sobre a sementeira do trigo. O que caiu e que foi pisado pelos homens é esta que teme o diabo. A rejeição é louvada porque enfrenta o diabo. A das sutilezas, dos pensamentos, esta agrada aos homens e ao diabo: “o pregador há de pregar com fama e com infâmia”³⁴. Com a fama ele é pregador do mundo; com a infâmia, de deus.

O pregador deve cuidar do gosto do ouvinte como o médico do enfermo. Médico da alma, o pregador propõe a amargo, pois o critério é o frutificar. Este se alia ao padecer: o *páthos* modela a finalidade do ouvinte de modo a deixá-lo atônito e confuso.

Exemplarmente, então, o epílogo do sermão traz *exempla* de Coimbra, particularizando no fim, como o fizera no começo, com sua referência a um auditório próximo ao do local presente. Discorrendo sobre dois pregadores de lá, diz Vieira que um provocava o contentamento; o outro, o descontentamento, servindo este, como afirma Vieira, de paradigma para o efeito de qualquer futura fala dele mesmo. Por isso, como no início, propõe-se ao auditório o descontentamento consigo mesmo. O pregador não se molda pelo auditório, mas é servo de deus. Por

isso o critério não é o prazer imediato, mas a avaliação do Juízo. Retomando os passos e o paço inicial, o critério é a dimensão da obra ao serviço de Deus.

Sendo assim, o *Sermão da Sexagésima* é maquinário que aparentemente parece excluir causas, mas que efetivamente o tempo todo as reafirma. Postas de lado, elas não são efetivamente excluídas, mas reavaliadas a partir de seu valor seminal. Mais do que isso, esta semente frutifica, porque combate com o que considera melhor, mostrando não só a culpa do auditório, mas a reta ação do pregador que reafirma em suas palavras os cinco itens anteriormente excluídos. Implica, no mais, um horizonte próprio, teológico e político: a ação jesuítica e a conversão como um ato voluntarioso da alma mostram, no seio mesmo da reforma católica, as suas dissensões internas.

Descartam-se assim aqueles que fogem à atuação virtuosa, cuja prédica parece implicar a agudeza por ela mesma. Conforme diz Clement no prefácio à publicação da obra de Granada, “asi tambien los mismos autores de la discordia poco despues inventaron una nueva Rhetórica Eclesiástica, á lo menos en la materia; introduciendo em sus Sermones discursos sutiles, y conceptos, que llaman predicables, en el lugar que debia ocupar la sólida doctrina de los Santos Padres. Y este modo de predicar de una data tan reciente?se ha de venerar como antiguo?”³⁵.

Além disso, ele configura o sermão como um gênero, híbrido de uma deliberação agora conformada a uma vontade que não se guia pelo *lógos*, mas que tem na força do *páthos* uma configuração de caminho. Louva e censura, nos moldes epidícticos, mas não deixa de avaliar a pregação pelo desengano, pois esta vontade depois da queda deve se mover ou se curvar por uma dimensão que põe a ação humana como consequência da vontade divina. Sempre a partir da reta interpretação da palavra do Evangelho.

Por isso a atuação do exército de Loyola, do qual Viera faz parte, deve ser exemplar e ativamente beligerante. Para o pregador sua *actio*, seu *érgon* e seus *uerba*, enquanto *lógoi* e palavras reveladas, tudo, enfim, deve se submeter ao chefe supremo, dando, ao mesmo tempo, uma diretriz moral que se define pela visibilidade de uma reta atuação dos militantes daí derivada e que, por isso mesmo, multiplica-se:

*Ai de mim que não disse o que convinha! Não seja mais assim por amor de Deus, e de nós. Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. Preguemos e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o céu que ainda tem na terra quem se põe de sua parte. Saiba o inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de deus; e saiba a mesma terra, que ainda está em tempo de reverdecer, e dar muito fructo: “et fecit fructum centuplum”.*³⁶

O gênero do sermão, enfim, mescla, conforme a prescritiva de Granada, ressoando Aristóteles, porque particulariza decorosamente em vista do melhor meio persuasório para a melhor conversão, a que se segue à ação jesuítica. A utilidade deliberativa da melhor ação não deixa de se plasmar com o valor de belo elogiosamente propagado. Mas sempre a partir da reta interpretação das Escrituras. A conversão ou manutenção

³⁵ CLEMENT, Joseph in GRANADA, *op. cit.*, p.IV.

³⁶ VIEIRA, *op.cit.*, p.32

da fé pregada pelo orador eclesiástico deve, por isso mesmo, sempre se submeter ao modelo do céu, pois, mesmo que beligerante, só renasce e frutifica porque calcado na terra com a ação teológico-política que só pode deliberar deste modo exemplarmente, em consonância com a palavra divina, elogiando ou censurando sempre a partir do *semen* que está inserido nos Evangelhos.



Artigo recebido em outubro de 2008. Aprovado em novembro de 2008.